



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

S. TORCATO

(ALGUMAS NOTAS DISPERSAS)

(Continuado da página 162)

O desenhador deve ser algum anónimo trolha com a veia de arabescos e imaginarias ou tabuleteiro de figurado patusco. De sua autoria, aquele belias pimponaço e algazarrão, a cavalo na pipa, camisa desabotoada no peito cabeludo, arremangados os punhos a amostrar os braços de cavador, com fortes cordas de veias papujadas, erguendo a caneca em desafio, que serve de chamariz sôbre a porta das vendas; como o suíno, envernizado, limpo, de muitas arrôbas em unto e fêbra ou o bacalhau de badanas azúis e espinha dura, atestando a fama de mercearias e talhos. Mora na vila próxima, quando não é, lá na mesma aldeia, pinta-monos por habilidade, senão outra, a de assim engodar os broncos, acrescida em suplementar de mais rendosos officios. E quis perpetuar no visio-namento das tintas a scena comovida e comovente do milagre.

Rude e simplista, homem do povo, com as mesmas crenças e superstições do povo (se alguma diferença pode esboçar-se, a sério, fora do pedantismo dos livros, entre as duas inclinações místicas), impressionou, sentindo-se enleado e atido, espectador e actor, a sua própria comoção ferida na asa da fantasia, a realidade objectiva subjectivada, como quem diz: a individualização do alheio.

Vem daí o pitoresco destes quadrinhos de género, ainda há poucos anos espalhados e amontoados por

sacristias ou em redor dos altares, como espontâneos e expressivos modelos de singela, verdadeira, arte popular, e o interesse, como elementos curiosos ou variados de estudo da nossa etnografia, em que se illustram, enaltecendo a sciência portuguesa, alguns homens, raros, de intelligência aberta e coração sensível: os que, sem a gritada da fama, carregam para a história as migalhas-diamantes da verdade e alicerçam aquella pura filosofia que nada é sem o real sentimento da vida humana.

Aqui, como em outras tábulas votivas, o milagre ainda se não realizou — o anseio do milagre é a grande fé salvadora. O doente vasqueja na agonia, estrebucham lagrimosos os parentes e serviçais. Cerrou-se a porta à intervenção humana. A manifestar a impotência de seus recursos, pois aplicado havia sido quanto em formulários e compêndios se receituava, o médico encolhera os ombros — «mais um, é assim a vida, a sorte que nos espera a todos» — e saíra desenganando, afinal. Viera o padre e lançara a absolvição da morte, adeus e acenar de esperanças à ressurgência para além do túmulo. Depois, o tremor silencioso, no frio assustadiço, descendo pela escuranteza da penumbra, com cheiro de suores e irritações de éter. Um único recurso haveria — tantas vezes solicitado já porventura! — o apêgo ao santinho, a confiança inabalável no santinho. As preces, mugidas à expedição da alma, estorcem e arrancam em gritos de clemência e piedade. O — «misericórdia, Senhor...» — converte-se no — «valei-nos nesta aflicção!» —.

E' quando por sôbre as nuvens rola o esplendente aparecimento. Ele reproduz fielmente, como foi evocada e invocada, a imagem, tal como na mesma imagem o santinho figura devotamente no altar: aquella a que se costuma ouvir missa e a que se vem rezar nas horas de bonança e de felicidade. Assim aparece S. Torcato, morto, o corpo incorruto, o cadáver secular, nota característica e fundamental do seu culto, insurgindo por magnetismo celeste a luz e a vida, à luz e vida que se extinguíam. O pintorinho de milagrosidades fixa o momento dramático — traduzindo as amarguras da família, o supremo desespero do padecente, o tenebroso da hora irremediável — rememorar a graça, o poder

e as virtudes de quem lhe foi valimento, amparo e salvação.

Eis o caso: o fatal soara. Atendam os desdenhosos ou os mordidos de satanismo, afervorem-se os crédulos com a lição evidencialíssima. Não havia salvamento humano possível. Se a ciência das sangrias, das ervagens, da seringa e da retorta, dos simples e das drogas laboratoriais, se toda a ciência é a expressão máxima do engenho humano, ela desanimara, cabisbaixara, confessara-se estreme de mais aplicações. Esgotados os socorros do mundo. Fôra assim anunciada a morte. Os assistentes ouviram estremecer no soalho os passos da intrusa. No mar, o naufrago cansou da luta, os braços desfaleceram inertes, a lividez descoloriu-lhe a face, vão absorvê-lo as ondas esbravejantes. O cerraceiro encalha e despedaça a barcaça nos penhascos, a tempestade fuzila, rajadas de fogo lascam o céu de um pardo de chumbo e estrugem na labareda glauca das águas. Salteadores, os calabreses das jornadas longas e arriscadas, os máscaras da conjura e da espera, barbaçudos e antropófagos, com chapeirões derramados e cristas de penas coloridas, arreganhavam bacamartes, lampejam os punhais. Anda tremalhado o gado, enfurecido contra o bom tratador, ou roja-se de escantilhão no precipício, onde o espreita, com azares de bruxedo, a goela esverdeada, limosa, do pântano. Tomaram o freio nos dentes os cavalos e doidejam em galopeira ébria, chicoteados, esporeados pelo demo, resfolegando vapores de enxôfre pelas narinas, para um desastre medonho. Já as rodas, bandeadas de aço, guilhotinaram o pescoço dum sinistrado e a mais gentinha, que se empoleira na carripiana, esbagaxa e tontura na queda. Ao colo da mãe, o filhito cego tem fortemente coladas as pálpebras: na pesada noite imensa apenas vislumbrará, no íntimo, o aro de luz da aparição. As golfadas de sangue não estancam, abriram-se as veias.

O desastre é certo. A morte é certa.

Quanto mais perigoso o transe, maior a glória do santo. A gratidão mescla-se de contentamento, se não lhe vem após, a alegria do homem são e escapo à lembrança temível, agora temibilíssima nas congratulações e hossanas em graça, do perigo, do grande perigo

iminente. Infla pelo susto sofrido no oferente, ajoelhando e depondo no altar o voto, porque salvo, mas reflecte-se no santinho — repiquem os sinos! — porque foi o milagreiro. Assim o clama e proclama o painel no assombro das tintas, arripiadas à scena patética, e na grotesca ortografia arrevesada dos imaginários: "Millagre q fes".

O tabulista cuidou e esculpizou em pintar a realidade — realisticamente. Não se deixou levar pelas espantosas alegorias de chama resplandecente e efeito teatralizador, uma embaídela ao santo e ao devoto. E, nesta minúcia, o bárbaro, sem escola nem preconceitos de maneira, compôs, às vezes com jeito e vulgarmente com sinceridade (mesmo quando mais atinente a exteriorizar com janotismo, alindando o quadro) a atmosfera da agonia ou o cenário da catástrofe. Foi este o seu traço no rosto já enrijecido do padecente, na convulsão aflita dos que o rodeiam; na cambiância da luz — do froixo, sumido em penumbra, ao clarão vivaz; no quarto, com seus ângulos mosqueados de sombra pela cal das paredes, o sôco pintado, o tecto de abóbada, os quadrinhos habituais, o sobrado com as linhas das tábuas muito afinadas, a cama do enfermo, arranjada de fresco — porque enfim sempre é para estar diante de gente, às vistas — e a mesa dos medicamentos inúteis e da chicara do caldo; nas pregas da coberta, no panejamento dos trajos — tanto no conjunto como na particularidade. Nalguns marca-se sem dúvida a preocupação do retrato — no do Bento, da freguesia de Taíde, no grupo das três mulheres ajoelhadas, talvez a mãe e duas irmãs do doente, há o «ar de família»; no da Bornaria, o homem que ajoelha, ou melhor: ficou fazendo sempre menção de ajoelhar, por um êrro na mancha da sombra (proveniente de o pintor tomar como ponto de luz o lugar onde o santo aparece), é certamente um retrato. Curioso também na disposição das figuras: a mulher soerguida na cama pelo padre; a irmã chorando à cabeceira; aos pés, de costas, chapéu na cabeça, o médico; e o pai de joelhos, a meio do quarto — o do voto:

Manoel Fernandes de Brito, da freguzia de Santo Iago de Villa... | estando gravemente enfermo de-

zamganado dos Facultatibos e recostado no(s) | braços de Sua Irmã thereza, proximo a dar a alma ao Creador assestindo | seu R.^{do} Parocho, apenas seu Pai prustado de joelhos offerecendo seus votos ao Milagroso | S. Torquate seu filho recuperou a Saude Perdida.

Muita desta bonecagem, porque picava a escarnicadela dos boçais, a estoírar de troça, fôsse do lapónio amigo de querelar e renhir ou do cidadão com seus fumos de entendimento em boas e malas artes, arrecadaram-na, como malfazeja à vista e abalativa dos créditos, para onde só a ratazanagem a pudesse iscar e fariscar. Perderam-se quantos exemplares de um cómico imprevisito, desfígadeirizante, mas preciosíssimos para a compilação das somenices de que é feito o estudo da arte popular. E, por vezes, nêsses farricôcos estupendos, na escola e gôsto das taboetas feirando as excelências do bom petisco e do famoso vinho, de que vai perdida sem história a melhor parte, e dos painéis dos hórridos crimes, bandidos esartejando carne humana como a dos açougues nas unhas dos magarefes, o sangue das pobrezinhas vítimas a espadanar nos alguidares das matanças suínas, lampejava a emoção da sinceridade, quando se não reconhecia o feliz ou acertado encontro de uma forma de exprimir no traço rude e espontâneo, uma verdadeira faísca genial da ignorância. São como as primeiras tentativas desenhistas das crianças ⁽¹⁾, que têm sido confrontadas, pela sua tam flagrante identidade, com os ensaios dos primitivos, riscados nas paredes das cavernas, modelados na argila, sulcando enfeites nas armas da caça e da guerra. O oval da cabeça com alfinetes espetados em cabelo, a batata espigueira do tronco, as linhas rectas de braços e pernas com novas linhas, mais pequenas e contadas, crescendo os dedos, ou a dificuldade em representar o nariz de frente, que leva à preferência do perfil e, neste, o cuidado da imitação pontual,

⁽¹⁾ James Sully — *Études sur l'Enfance*, liv. IX, cap. I — *Premiers dessins de la silhouette humaine* (Paris, Alcan — 1898, pág. 465).

exacta, à figuração das duas orelhas, braços e pés, dobrando o corpo num esforço de acrobacia epiléptica, comuns no desenho infantil, selvagem e primitivo, reproduzem-se, com mais ou menos disfarce habilidoso, dando, aqui e além, no conflito entre a noção do erro e a impossibilidade de lhe fugir, criações originais, sumamente pitorescas.



TÚMULO DE PEDRA DE S. TORCATO

No Senhor de Matozinhos, há um quadrozito em que o soldado, de continência à cruz, é um verdadeiro barro de mercado aldeão, ensopado em tinta de cosimentos, duro e hirto, sem pescoço, o corpo de frente e a careta de perfil, todo na devoção ao bom Senhor, muito lívida, traindo a cólica, a formidável cólica do

susto, quando o esquadrão dos franceses o aprisionou, impávido guerreiro, e êle, tremente, pegou de rezar no fundo da toca em que se alapara ou depois de lhe fugir com as botas de nove léguas. A baioneta confundeu-se, arma pesada e muda, com o braço esquerdo — que era o direito para o dianho do caleador humorista porque lhe ficava à direita da imagem — e a barretina poisa na cabeça deixando grande parte do cabelo à mostra, como nos sarrabiscos infantis, em que a curva do crânio se radiografa no próprio chapéu. E é ver em outro, do santuário de S. Gonçalo de Amarante, contando do viajero assaltado por uma horda de pretos, com espingardas, pistolas e facões, numa floresta brasílica, a marcação scénica das figuras, avultando maiores às do primeiro as do segundo plano, e aquelas de pèzinho leve por cima dos píncaros, tôdas esticando em relojoaria de cascata, mas partida a corda, o braço temeroso, onde luzia o gume da arma assassina...! (1)

Os milagres! Delicadíssimo tema, complexo e misterioso, que apenas aflora à conversa, por mais fraterna, logo dissidiu, irritou e embaralhou os pareceres. Uns repudiam com terminância absoluta, fiéis escravos a um dogma do livre pensamento ou como postulado irrefragável da ciência e da filosofia positiva, qualquer intervenção milagreira. Para tais o milagre enoja e rebaixa como tatuagem sórdida do fanatismo. Distinguem outros, e com que subtilidades de lógica!, dum lado apertados pela mística, inclinada a crer cegamente o absurdo e do outro pela consciência da racionalidade, homens instruídos e do seu tempo, oscilando entre a

(1) Figura 6.^a e 7.^a do já citado, perfeitíssimo e admirável, trabalho de *Rocha Peixoto* (pág. 201 e 209).

Em S. Torcato haviam também arrumado para o limbo das gavetas bastantes votos. Foi-me permitido vê-los, amável deferência a que sou agradecido, no repartimento onde estavam, muito recheado todo êle de caixões para defuntos, em vários tamanhos e medidas, um armazém fúnebre, que os salvos da morte ofertavam ao santo. Deitavam-se dentro, por penitência, aqueles cadáveres bem comidos e pandegueiros, outros vinham só amortalhados, mandando às costas da família ou criadagem o frete macabro. Escasseando o tempo de os apontar um por um, procurei escolher as mais caracteristicamente pitorescas ou impressivas das tábulas.

igreja e o mundo, o que os leva a acolher as coisas com um «é consoante» de reticências e meias-dúvidas, apartam e distinguem os milagres possíveis dos milagres impossíveis. Estes despem o milagre de milagre, dando-lhe uma explicação natural; mas já aqueles pretendem seriar, dividir, limitar a intervenção miraculosa como miraculosa. Sendo o acionamento do milagre sempre subjectivo, ou porque fôsse a dinâmica nervosa do indivíduo, electrizada pela fé, que o erguera do perigo e salvara da enfermidade, ou porque o seu religiosismo se entranhe de superstição, como ponto fixo dominante e irradiador sôbre todos os seus actos, o acreditar ou não acreditar, o haver ou não haver milagres é também vulgarmente uma questão de feito individual.

O médico, um poucochito indignado, vá lá, mofa e ri do doente que tratara, quando, antes ainda de lhe satisfazer os honorários, o vê seguir mais o rancho taroucante da família e vizinhança no cumprimento do voto ao santinho, feliz promessa, bendita graça que o salvou; mas aceita, e com submissão, os milagres mais estranhos do agiológio (certos com farto e denso aspecto gótico nas nervuras da contorsão e do delírio, nas alucinações coloridas) e tem muita fé nas águas santas. Não é raro, no mesmo grupo, à nímia credulidade de um sábio, de metódica organização cerebral, habituado a lidar com o pêso e medida dos infinitésimos, austero e preciso como uma operação matemática, opôr-se a formalíssima negação do ignorante e comum que quer ver e palpar a realidade, não aceita o forjamento de imaginações escandecidas e contradita o suspeito e a ganância dos testemunhos! — que êle bem sabe, perfeitamente sabe, quanto vai do que tem visto ao que tem ouvido e como verdade e mentira se confundem na mentira e na verdade. Arremessa de si o milagre o mesmíssimo praticante, atado e meúdo na disciplina, eclético nas suas relações sociais e nas suas opiniões públicas para não ofender nem pecar contra o pensamento, que usa trazer alheado e entregue o seu raciocínio nas mãos dos que o doutrinam e tem e curte verdadeiro horror às verdadeiras labaredas do inferno legitimíssimo — *sed libera nos a malo!* E acompanha-o e defende-o, talvez com mais obstinada recusa, em

questiúnculas com terceiras pessoas, esclarecidas e atentas no observar, que vão anotando a existência dos factos, mesmo quando de tam subjectivos na fé se objectivizam em realidades inegáveis, aquele enguiça-digo que não se assenta com treze a uma mesa, não bebe quando os outros bebem, não entra nem sai de casa senão com o pé direito, nem viaja em dias aziagos.

Os milagres! *Camilo*, esse tam extraordinário e alucinado génio, dizia que assim como «para as nevralgias do corpo, os valerianatos, o curare, a morfina, a cocaína, a beladona, os anestésicos; para as agonias do espírito... a esperança do remédio extra-terrestre.» E axiomava: «Ou a conformidade de Sílvia Pélico, ou as peregrinações à Virgem do Sameiro. Em patologia psicológica não há mais nada.» (*Volcoens de Lama*). E esse outro grande romancista em todos os séculos, cuja morbidez nos adoenta através das suas páginas, o russo *Dostoïevsky*, profundando o temperamento de Alioscha, contava que era um *realista*. «Acreditava em milagres, mas era dos tais realistas em quem a fé não é a consequência do milagre, mas o milagre a consequência da fé. Se um realista chega a crer, é o seu próprio realismo que lhe faz admitir o milagre.» S. Tomé não acreditava se não visse. Viu e creu. «Foi o milagre que lhe deu a fé? O mais provável é que não. Ganhou fé porque a desejava, e talvez a possuísse intimamente, ainda antes de dizer — «Não acredito sem ver» —.» (*Les Frères Karamazov*).

Os milagres, como as profecias, as profecias como a magia e os mitos, são de todos os tempos e repetem-se, com o mesmo aspecto dramático ou anedótico, através das idades, no folclore dos agiôgrafos e no flos-sanctorum dos panegiristas. Depois de aturadas e esmiuçadoras vigílias de investigação e comparação, *Saintyves* comentava: «Para o tradicionalista, a profecia mais ainda que o milagre faz pressagiar a existência de um tema folclórico; afirma pelo menos uma tradição, quando não é, como o próprio milagre, a exegese dum costume ou duma cerimónia tradicional» (1). Os milagres têm a mesma remotíssima tradição, porque a mesma origem no temor do homem em

luta contra a adversidade e o desconhecido, reproduzem-se nas diferentes raças e nas eras sucessivas, e, tirante os usos particularmente marcados e específicos de época determinada, invariavelmente com o mesmo motivo de pedir e a mesma forma de intervenção sobrenatural, assim considerada. A agiologia encadeia-se no evangelho e do evangelho transmonta aos primeiros sofrimentos humanos. E acompanha-os (1).

Naturalmente — mas diga-se que as inferências desta laia são nuazinhas hipóteses, enfermendo, e talvez não seja pecadilho somenos, de nos substituírmos ao nosso tetravô das cavernas, fazendo-o agir ao modo da nossa lógica —, primeiro, o homem recorreu às divindades nas situações aflitivas. Depois, o instinto religioso «civilizou-se» — como se diz em linguagem subida de tratadistas, convertendo-se em sentimento, donde adquirir o culto uma certa periodicidade, até, em novo grau progressivo, se intelectualizar — e com tal aspecto coexiste, sem a função de terapêutica para as agruras físicas ou de lenitivo para as crises morais, nos espíritos instruídos no ensino materialista, em voga ao findar o século passado e hoje ainda em certos ramos científicos, ou da mais antagónica compleição cerebral e sem qualquer interdependência com a sua ilustração ou moralidade. Esses diferentes indivíduos, porque não há um corte radical entre passado e presente, vivendo, como vivemos, em prosmicuidade com homens reproduzindo o feitio — o tipo, o temperamento-comum, de séculos vários e evolucionando nós

(1) Poderá servir um exemplo por ser de caso recentemente ventilado. Refiro-me ao estudo de A. Van Gennep — *Le culte populaire de Saint François de Sales en Savoye* (in «*Mercure de France*», n.º 615, fev. de 1924). No processo de canonização, o povo atestou muitos e diversos milagres, praticados alguns ainda em vida do santo. A velhota Chaugy rosariava de mortos volvidos à vida, cegos recuperando a vista e outros curados de doenças de olhos incuráveis, paralíticos, gotosos e podagros, febres pestilentas, a imunização a epidemias de povoações e aldeias (1628-1630), chagas e úlceras, frenéticos e demoníacos (o endemoninhamento data pelo menos do tempo de Caim), partos difíceis (os gentios tinham a sua deusa Lucina). Roma escolheu, de entre tantos, apenas sete milagres, sendo de notar que um é o de uma ressurreição, outro de um afogado, e depois cegos, paralíticos e entolhidos de nascença, mas todos posteriores à morte de S. Francisco de Sales.

(1) P. Saintyves — *Essais de Folklore Biblique — Magie, Mythes et Miracles dans l'ancien et le nouveau Testament* (Paris, Nourry, 1923).

próprios, pelo decorrer dos anos, de uma a outra forma de interpretação das coisas, maneira de pensar, inconformidade ou conformidade (e mais ou menos termometrizada) com o meio e as gentes habitantes do planeta, são coevos na sociedade actual, como nas anteriores e posteriores, senão de longa data, a partir de um vago momento de precisão difícil: o religioso instintivo, sentimental ou filosófico, a par, é claro, do abúlico, do preconceitualista ou do imitativo...

Situações aflitivas de ontem — galgando a tamanha longura do tempo, qualquer que seja a medida einsteiniana que se lhe aplique, e iludindo as mutabilidades da história, se pode chamar-se ilusão ao desengano que renasce em esperança novamente ferida — são, mais ou menos, as situações aflitivas de hoje. Os votos pendurados nos templos gregos, os nossos painéis de votos. «Tôda-a-gente» recorreu ao sobrenatural, quando espicaçada por uma tortura maior do que a média da sua possibilidade de suportar a tortura, na conjuntura dum perigo grave, ou em frente do destino. Já depois a experiência lhe foi mostrando quanto o destino é acaso, meigo ou adverso, sem bem compreensível explicação dos porquês da sorte grande ou do azar mofino.

Há uma revelação das almas bem mais íntima, secreta e profunda que a do confessorário — é a do sentido em que cada um, beato ou pedreirista, dirige as suas orações ou, em chamados devaneios e castelos de cartas, planeja a traça das suas querências e desejos: o que o homem implora do céu ou às sombras torvas do destino. O pecado somente parcializa aspectos da vida humana e sob um pequenino diorama de moralidade, a moralidade de determinada forma de crença, podendo ser a livre e normal expansão do homem, um crime ou uma virtude. Mas, ali, não aparece aquela tam célebre e celebrizada contradição entre a realidade que, e porque o é, entibia e acabrunha a inteligência romântica, julgando-se fadada para mais altos sonhos, o diverso, o alheio, o impossível, em todo o caso e sempre aquilo que não é, e porque não é, em que nos mostraríamos verdadeiramente enormes. O homem, então, está consigo mesmo, interrogando-se e respondendo-se, sem o testemunho da consciência em

uso nas relações sociais. A realidade é abstracta — concretizou-se numa ambição de realidade. Na estrutura dessa psicopatologia há, com não ordinária persistência, a confiança no milagre, a sua recordação invocatória, o apêgo ao milagre — suave recolhimento da fé ou golpe de jôgo na roleta dos acontecimentos. A dramaturgia é igual — o inesperado que salva, a força prodigiosa do oculto; substracta e essencialmente a força prodigiosa da própria esperança, capaz de viver no homem até o derradeiro instante, que tantas vezes o médico, ao «apagar do pavio», ainda morfiniza e alimenta, e durando, eternizando-se para além da morte — a agastadora inconformidade do homem com a morte que as religiões incrementam!

Com a estabilização do culto veio o uso diário da oração e com este o hábito de pedir, não só nas crises angustiosas, mas desde o pão nosso de cada dia, automatizando-se em costume, porque tudo quanto possuímos nos é dado a título de benefício precário e tudo quanto nos sucede de bom ou de ruim provém dos misteriosos desígnios de uma vontade sobrenatural; o pedir tudo, também, indistintamente — que, na renda de pedir, nunca ninguém perdeu —, a euforia da saúde ou a prosperidade nos negócios, o livrar-se das correias ou vencer uma rixa, a engorda dos bois ou um parto feliz, a luz para os olhos e a cegueira no mundo para que não veja crimes e tropelias evidentes, numa identificação, que já não repugna ao homem fanatizado ou egoísta, dos seus interesses, sejam quais forem, com a onnipotência, esse confortador e terrível carácter da majestade suprema — «*omnia quaecumque orantes petitis, credite quia accipietis, et evenient vobis.*» Da oração, medicina espiritual — «*...si limités qu'on suppose les effets de la prière, c'est la conviction de son efficacité qui constitue la religion vivante. Grâce à la prière, affirme le croyant, quelque chose vient à l'existence qui sans elle n'aurait pas été. Grâce à la prière, une énergie latente entre en jeu, soit dans le sujet, soit hors de lui*»⁽¹⁾... —, ele faz o viático seguro em graves perigos, embora o risco seja o único castigo da infâmia a come-

(1) William James — *L'Experiente Religieuse* (tradução de Abauzit) — Alcan e Kündig, 1908, 2.^a ed., de pag. 386 a pag. 396.

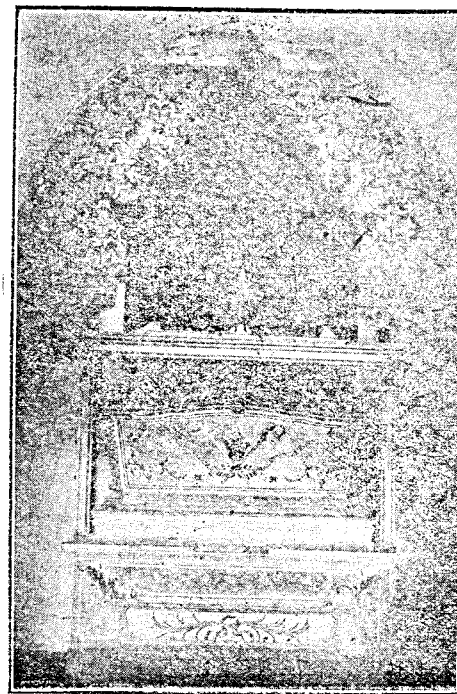
ter ou cometida, o misterioso, potentíssimo, sortilégio que lhe valerá nas várias conjunturas, pitorescas ou dolorosas, bálsamo e gazuza. E' que a oração tanto pode ser, e é na verdade, o murmúrio resignado do pobre, o lamento do órfão, as lágrimas da viúva, o brado implorativo do aflito, preito de humildade, homenagem do devoto, ascese da alma pura, a própria blasfêmia do irreligioso ou do crente ferido no melhor do coração, crego e desvairado, porque é ainda o grito da humana pequenez ao infinito, como a tentativa de ajuda e convivência ao sobrenatural, clemente e poderoso, do interesseiro e do facinora, do que supõe o altar balcão e encara a sacristia como câmara de corretagem.....

As tábulas votivas falam de certas orações convertidas em milagres, e dos milagres aqueles que condignamente atestam a sua eficácia, as virtudes da graça e o excelso poder celeste. Acanhados ao ponto de doutrina, conveniente aos olhares do mundo, e à propagação do culto, que por vezes os engenha com extremos de fantasia, repetem-se, desde a velha Grécia, nos agiológicos, na tradição, nos votos ornamentais de altares e capelinhas, com a mesma bisonha enfadice, afora qualquer peculiaridade regional. Os mais habitualmente registados incidem sobre doenças e extremos da morte — cegueira, esterilidade, hemoptises, roturas, câimbras, reumatismo, aleijões, varíola, maleitas, retenção de urinas, erisipela, flatos, humores, febres malinosas, achaques suspeitos ⁽¹⁾, histerismo, loucura, endemoninhamento..... —, naufrágios, pirataria, cativoiro, serviço de campanha e serviço militar, assaltos, embuscadas, incêndios, desastres de toda a natureza, perdas de objectos, colheitas, e a variadíssima gama das felicidades que cada um apetece para si ou para os que lhe são queridos.

Os de S. Torquato brotam como jorrantíssimo manancial — chagas abertas por largo espaço de anos,

(1) Na igreja de S. Francisco, em Vila do Conde, há um quadrinho em que uma devota declara que, sofrendo de uma grave queixa por espaço de quatro anos, logo que tomou o hábito seráfico teve saúde, estando desamparada da medicina humana. Outro igual no Santuário da Peneda. — *Rocha Peixoto*, in loc. cit., pág. 203.

feridas nas pernas; melancolia, perplexidão; dores de calos (estamos enumerando em face dos documentos apresentados); inchaços no pescoço, na cara e nos ombros; febres malignas; pernas encolhidas; doenças desconhecidas (ou discretamente veladas); dadas nos peitos, fistulas, bostelas, vexações; cegueira, falta de vista



SEGUNDO TÚMULO DE S. TORCATO
NO MOSTEIRO

e males dos olhos; afogados e náufragos; braços aleijados, doenças graves, dores reumáticas, queimaduras com água a ferver, sezões, rendidos, humores e comichões epidémicas, anemia e síncope, elefancia, cancos em geral (e nos joelhos e partes melindrosas do corpo), hérnias, partos difíceis, apoplexia, mordeduras de cães

raivosos, dores de estômago, perigos de vida — por causas diversas, vulgares ou incidentais; assaltos de bandoleiros, traições de herdeiros, avenças e desavenças com a justiça; doenças no gado — touros com gota, bois bravos tornados mansos, o rebanho que deperece, etc. —. Mas, e além destes tantos que são os registados mais notoriamente, quantíssimos não apregoa a fama e não ouvimos nós contar de meninos ou não nos amosstra, nos dias da romaria, a enorme multidão dos peregrinos! E' a mãe que implora por um filho asfiziado pela coqueluche, ou pelo mais velhinho que embarca para o Brasil com a sua trouxa e meia dúzia de piutos, à aventura; a que lhe pede para um outro ser colocado marçano, dar boa conta de si e chegar ao direito de pôr gravata; aquela, cuja filha vai casar, e roga do santinho a paz e a tranqüilidade do lar e esta que, à cabeceira do marido agonizante, vê entrar-lhe pela porta dentro, com a morte, a penhora, a vergonha e a miséria. Uma a quem o homem ficou espedaçado na pedreira, soterrado na mina, lançado do alto andaime onde fazia o seu serviço de trolha. Porque o mau ano, a continuar assim, os virá expulsar das terras que a tanto custo laboravam — e já venderam o gado e trazem empenhados os trapos. Nos suores da agonia — pois ? quem há-de acudir àquelas boquinhas inocentes e esfaimadas? Num mau passo e em apertado lance. A prece dos humildes! E quando foi da guerra — que o diga o rendimento espantosamente crescente das esmolas e as verdadeiras montanhas de povo que os caminhões despejavam no mar já alteroso dô largo em festa — pelos que tinham ido correr a má sorte das armas...

O S. Torcato, o cadáver vivo de milagres (bendigam o Senhor ou increpem de estúpida a credulidade do povilêu) ganhou lugar proeminente entre os santos — e não faltam neste lindo Minho de obscuros e afanosos servos da gleba — de maior, mais variada e complexa reputação milagrosa, e, coisa notável e rara, pois que a fama de santo milagreiro é de *«ondulante instabilidade, ocasional, caprichosa, inconsciente ou provocada»*, manteve-a sem desprestígio, antes com mais largo e fundo renome, pelo meio de uns poucos de séculos, chegando alumiada a nossos dias, prendendo sem deslaçar as

mãos que uma vez se lhe ergueram em súplica, e com bastante mocidade, o da face esguia e pele calcinada, para dobrar, providencialmente como providência dos que com tanta fé e acalentada esperança o imploram, novas e penosas jornadas. Sumiu-se no ocaso aquela tam alta fama (queremos referir-nos exclusivamente à fama dos milagres) da Senhora da Oliveira, do S. Gualter, do Sant'António de S. Francisco, do S. Fortunato (do Campo da Feira), da Santa Felicidade (dos Capuchos)... O S. Torcato de já antes do Afonso Henriques venceu os caprichos da moda e ainda hoje é por aqui um grande santo.

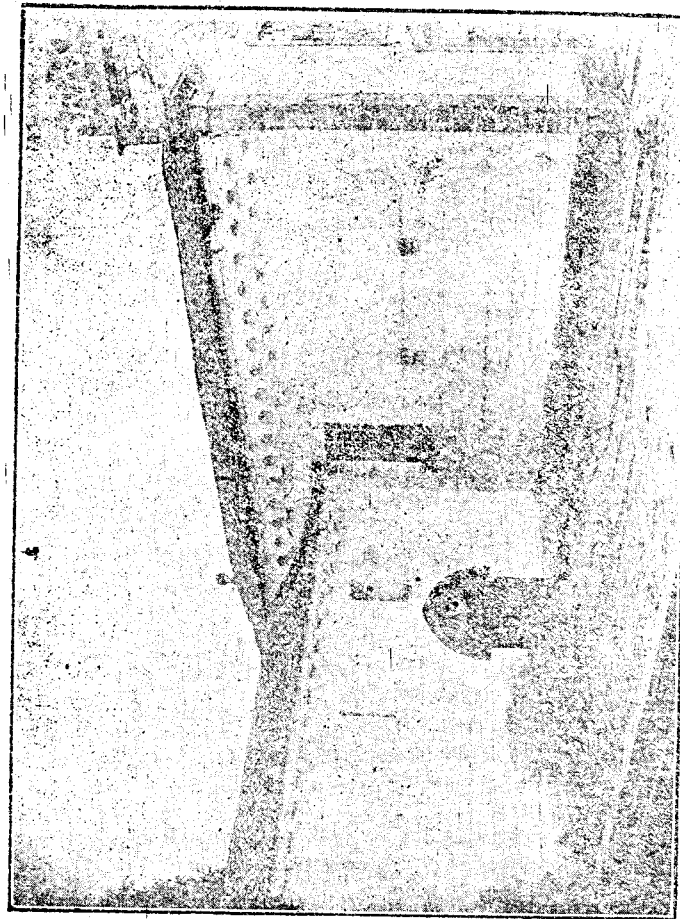
Verdade seja que não teve a originar-lhe a preitezia dos fiéis alguma daquelas monstruosas invencionices, costumeiras na formação das lendas — e de que vinham recheadas muitas crónicas fradesas, no intuito, é claro, do alevantamento da ordem e com fito e mira na prosperidade da casa conventual —, com que procuram entretecer a coroa de glória, de martírio, de bem-aventurança e poder celeste, para atraír a legião dos adoradores e afinal apenas minam o descrédito. O nosso lavrador é muito desconfiado, e desconfiado mesmo como *«temente a Deus»*, e nem a muita autoridade o desconvence de que não seja patranha o que ao seu entendimento repugna. Nem que êle as arme e mais refinadas por suas mãos. Ora o nosso santo, digamos assim, não tem genealogia erudita e bem andaram os frades, que habitaram o Mosteiro, em não a desenharem em bom ou mau vernáculo: o S. Torcade é verdadeiramente popular. Foi o povo que o descobriu e o defendeu, foi o povo que lhe ergueu e protestou culto. Sempre que as mãos elegantes da literatura ou da sabedoria teológica o chamaram a tema de composição, sem ao menos architectarem uma história limpa e capaz de correr mundo, embaralharam, confundiram e desnaturaram a sua verdadeira grandeza. Santo do povo, entende-se com o povo. E' aos humildes que êle faz milagres, porque os milagres da esperança só frutificam nas almas dos humildes. Pastor ou guerreiro?, velho caminheiro andante, homem da serra encapecido à neve e ao ardor do sofrimento?, fidalgo ou mendigo?, sacerdote ou devoto?, cadáver, antigo cadáver que tem ainda a pele e os ossos, adora a simpli-

cidade do coração e a energia da fé, essa que pode levantar e revolver as gerações ou desviar o curso dos planetas. Como o seu nome é de esperança, é também, adentro do povo, um nome de alegria. Alumia de plena confiança o atribulado espírito, remansa a cólera do infortúnio como desfaz as tempestades do mar, desamedronta da morte, porque ele vive da sua própria morte, o velho cadáver, e a grandes e pequenos na idade e no mais ou menos mas sempre pouquinho dos haveres, sorri como uma grande e bela promessa que, essa, não falta nunca — a do alvoroço impetuoso, do estridor chamejante, da folia bailarinesca e cantadeira, da febre em delírio de som e amor, de vinho e estúrdia, de foguetes e música, a da maré alta de entusiasmo da sua festa, em que tôdas as dores, porque esquecem, morrem como dores e ressurgem no milagre de novas ilusões. (1)

Tem e merece festiva nomeada a *romaria grande* de S. Torcato. O povo afluí, aos magotes, dos mais variados e pitorescos requeijos do norte; desde a manhã de domingo, os combóios despejam em Guimarães grossos caudais de gente alegre. Às quatro da tarde o exército dos transportes, a velha carripa ou o camião, mobilizam-se, no maior da azáfama, com estridor de buzinas — a cidade fica um deserto. Essa é a hora plena da romaria — da procissão até acabar o fogo. No mercado de sábado, que é o dia da feira na cida-

(1) *Manuel de Sousa Pinto — Para onde vais, Maria?* (Portvgalia, 1922): «O Sam Torcato! Ao escrever-lhe o título de algazarra e festival, sinto-o a puxar violentamente na minha pena, como um foguete impetuoso, que quer, subindo, ir proclamar, bem alto, a grandeza magnífica do seu arraial, a gloriosa, tumultuosa, atropelada animação dos seus devotos, postos a caminhar horas e horas, léguas e léguas, para alcançarem o santinho incorrupto, que, sobre todos os discutíveis milagres que se lhe atribuem, um, imenso, anualmente realiza: êsse jucundo milagre da sua festa colossal de multidão, que é um hino vivo e descomunal de alegria.... O Sam Torcato, e o artigo, anteposto ao nome do mártir venerável, condensa tôda a alacridade da sua veemente comemoração, o Sam Torcato, sendo a maior romaria do Minho, é, estou em dizê-lo, a maior festa de todo o Portugal.»

Alfredo Guimarães — Terras de alegria, S. Torcato, corpo santo... (H. Antunes, 1920).



FACHADA LATERAL DO MOSTEIRO
CAPELA ONDE ESTAVA O TÚMULO DO SANTO

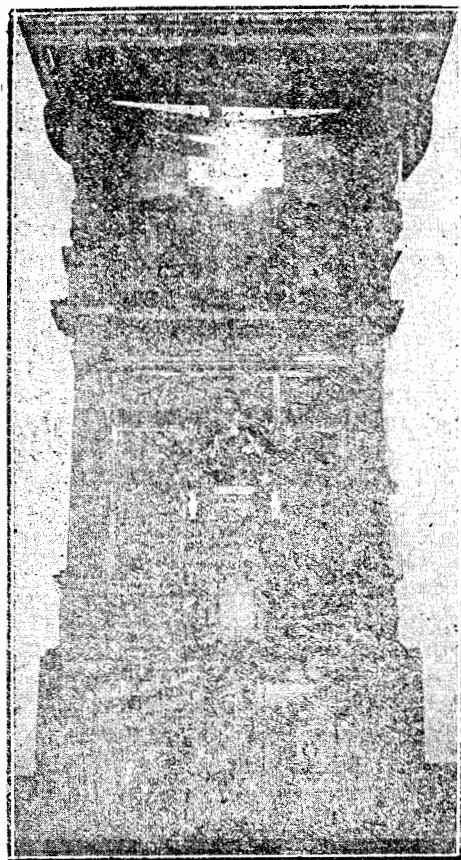
de, os frangos levaram uma derrota — o frango assado e o salpicão cozido são partes indispensáveis de um verdadeiro farnel. A merenda ataca-se quando a procissão recolhe e logo corre o nome das aldeias que ali têm o melhor vinho. A noite, a noite verdadeiramente formidável, é um tumulto de canto, uma fogueira líbrica, o mar, vasto e cheio, arfando em ritmos desconexos — o incêndio, a revolução. As côres entrechoam-se como os beijos, andam perdidas pelo ar nas lágrimas dos foguetes, e saltam das blusas de sedas ou dos saiotos rústicos, dançarinam, correm como diabinhos, tomam formas de apoteose ou de sonho, com intensidade tamanha que, por momentos, tudo parece chamuscado de côr, alagado em côr, sendo ainda flumelência da côr o próprio vozeirão daqueles milhares de cantadores descendo e subindo, à volta do largo, até lá acima por trás da igreja, desandando cá em baixo, na extrema funda. Impressão tam absolutamente dominante que tudo o mais se confunde, absorvido no delírio — os grupos dos namorados, os sacos de gente cansada atirados sobre a terra em montões, os que abancaram debaixo dos toldos e vão sugando a pipa, já farta de escorrer, em cima do carro de bois, as barulheiras azêdas, as tunantices ratônas. Velhinhas têm os joelhos esfoliados nas voltas da promessa. Noivas deixam-se enlaçar, beijar, no grande segrêdo da multidão, fitando o céu atordoado de sons, onde as estrêlas bailam na cromia do fogo. O milagre, o milagre! O milagre do amor e da alegria, do esquecimento, da febre, da ilusão, o milagre da hora bárbara de estúrdia escancarada, fulgindo em torrentes de côr e som, em cascatas de riso grosso e baixo, entre nuvens de nevoeiro ou de pó!...

OS DOIS TEMPLOS

De *S. Torcato-o-Velho* o cadáver passou para o Mosteiro, actualmente igreja paroquial, e, em 1852, para o novo templo, cujas obras, sendo a planta do architecto vimaranense Luís Inácio de Barros Lima, principiaram a 7 de Março de 1825, no local denominado Penedos de Maria do Monte Maio, sítio muito airoso e donde se desfruta um panorama lindíssimo e vasto, apanhando parte da várzea, conhecida por vale de S. Torcato. «Principiaram pois em 7 de Março de 1825 os trabalhos da construção do primeiro templo, de que apenas se concluiu a capela-mor onde desde 4 de Julho de 1852 se acha exposta à veneração pública, sob elegante baldaquino de castanho, a preciosa relíquia do corpo inteiro de S. Torcato. A primeira pedra foi lançada sobre os alicerces no dia 20 de Junho do referido ano, terminando em 1846 a obra de pedreiro que importou em 8.171\$550 réis. Oito anos depois, em 1854, fêz-se o referido baldaquino, ainda hoje em *ôssô*, com o qual se dispendeu a quantia de 2.350\$665 réis. Esta capela-mor, que em 1855 ficou de todo acabada e da qual, além do baldaquino, aproveitam os alicerces para a do novo templo em construção, custou 13.223\$047 réis. Depois de concluída a capela-mor existente, pensou a Mesa da Irmandade na substituição do projecto ou planta geral da igreja por outra que a excedesse muito em elegância e riqueza architectónica. Foi a lembrança bem aceita e a aprovação recaiu na...., a qual foi desenhada em Gotha pelo architecto alemão L. Bohnfledt, no dia 2 de Abril de 1868. Em 1857 principiaram a assentar os alicerces no mesmo traçado que existia para a continuação da primeira igreja a que pertencia a actual capela-mor, ficando concluídos em 1871 com o importante dispêndio de 17.861\$375 réis!» — (*Albano Bellino — Archeologia Christã*). Seguindo a opinião de alguns críticos, mas contra a dos melhores ⁽¹⁾, *Albano* diz ainda que a obra «pela ri-

(1) «Entra-se por um pórtico de moldura sóbria, que nada diz, e acima do qual se recorta e perfura uma rosácea de diâmetro acanhado em relação à grande superfície nua da muralha.

Entre rosácea e pórtico, dois anjos colossais, de alto relêvo, estendem por cima sua tarjeta com dísticos latinos, acima da qual sita em relêvo um medalhão da tiara e chaves papalinas. Em toda a



ALTAR DA CAPELA DE SANTA CATARINA
NO MOSTEIRO

queza da ornamentação delicada e profusa, e pela elegância do estilo arquitectónico românico-bisantino, com excepção das tórres em que predomina a renascença, é objecto da admiração dos peritos.»

«Têm sido vários, escreve *Manuel de Sousa Pinto*, os projectos adoptados na grandiosa casa sagrada, que lentamente avança. O actualmente seguido é, pelo que coligi dos traçados expostos na Casa da Mesa, a modificação dum deselegante plano de um artista alemão, devida ao architecto portuense Marques da Silva. Consta de uma igreja vasta, duina só nave, com duas tórres desequilibradas, que esmagam a base. A fachada, quási concluída, à excepção das tórres (esta impressão foi escrita em 1909: hoje está lançada uma das tórres e do mesmo lado em que uma faísca primeiro a derrubara), que têm ainda de subir, ostenta no cimo uma cruz, e sob ela, uma grande estátua do santo. Corre ao alto uma galeria aberta, de arcadas pequenas, que se prolonga, com arcarias fechadas, nos panos das tórres. Sôbre a porta, por baixo da rosácea, dois enormes anjos, em postura de vôo, agüentam, numa espécie de cartão de visita, um leitreiro em latim. São duas desagradáveis aventesinas, que, na brancura da pedra, lembram duas almas penadas, tais como o povo as descreve, envoltas em lençóis, num conjunto deplorável e banalíssimo de documento barato de primeira comunhão. Sam Torcato tem hoje uma escola de canteiros assinalável, habilísimos, que trabalham notavelmente a pedra; revivendo no rijo granito rebelde, as aventuras deliciosas dos cinzeis anti-

largura da fachada, muito para além da rosácea, atravessa uma galeria de nichos, separados por colonelos e fechando nos extremos por outros nichos maiores com estatuetas. Esta galeria faz de longe o efeito dum friso bordado e circuita também extremamente (*ou externamente?*) as paredes laterais. As tórres crescem a cada banda da fachada, iguais, tendo, na correnteza desta, janelas trigeminadas, largas e altas, e lá em cima, diz o projecto (*já em grande parte executado, agora*), quiosques e varandins de escultura para os sinos e agulhas ou lanternas fasciadas e abertas, pela reminiscência, suponho, do gótico florido ou flamboiante. Todo este conjunto choca, verdade seja, de banalidade preciosa e de mau gosto, quando para harmonizar e engrandecer o retábulo dessa frontaria com pretensões de sumptuosa, um pórtico de entrada bastava, mais complexo de estilo e mais solene, ajuntando as emendas a seguir 1.^a supressão do alto relêvo de anjos, que é uma escultura aleijada, seguindo as litografias dos convites de entêrro; 2.^a alongar a galeria de nichos té ela ter pelo menos o dôbro da altura que ora tem; 3.^a substituição da rosácea pequena por outra imensa, aberta tôda em rendas ligeiras, flamando como um sol e preenchendo a nudez do muro entre a galeria de nichos e o portal.

Internamente, a basílica impressiona melhor do que por fora,

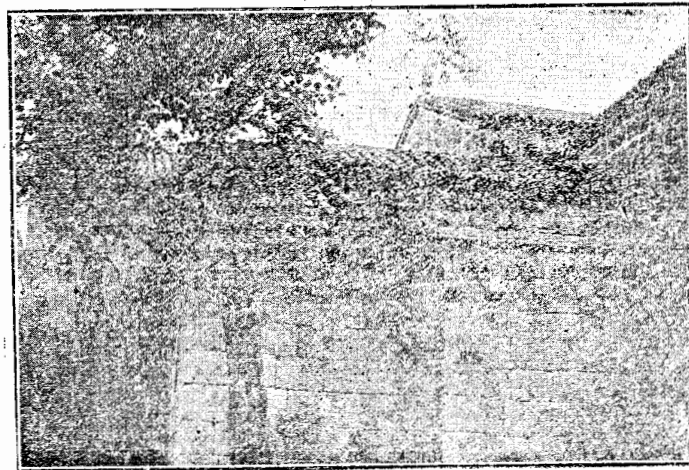
gos, que tam caprichosamente rendilharam o calcáreo macio da Batalha ou de Ançã. Creio que, em parte alguma do mundo, ninguém dará ao ingrato mas formoso material mais transparência, mais suavidade, melhor claro-escuro do que o que enriquece de tons de prata nova êsses granitos de Sam Torcato.» (1) O ilustre publicista aproxima-se da opinião de mestre *Fialho*, cuja crítica à obra nova de S. Torcato ninguém, medianamente culto ou de bom gosto, deixará de tomar como um severo, preciso e definitivo comentário. Notável, sim, no meio daquele desastre em monumento granítico, em que tôdas as tentativas de remendo, por mais inteligentes, haviam de falir, vítimas do pecado original — a escolha de uma planta sem estilo, sem elevação e inassimilável ao lugar — é a obra de cantaria: nessa há estilo, emoção, poesia, doçura.

No môrro, onde se ergue o velho Mosteiro e ainda hoje se mantém a igreja da freguesia, parecia a *Martins Sarmento* deveria ter existido um castro, ou, por ali, uma antiga povoação, cuja sede estaria colocada naquele ponto mais alto. Tem-se realmente essa forte impressão já pelo sítio, sobranceiro e em escarpa, olhando outros centros de primitiva actividade e defesa humana, a que se ligaria como elo da mesma cadeia, já pela continuidade e sucessão da importância com

pois apesar do aspecto pesado, a profusão dos altos relevos decorativos de um donaire de elegância, mercê da amorosa paciência que o canter português põe nos trabalhos de pedra que lhe entregam. Aos entendidos recomendo as fachas de alto relêvo que vestem no cruzeiro alguns panos oblongos de muralha; representam varas de cepa, enroladas de gavinha e inteiramente cobertas de uvas e de parras. Tôda a basílica é granito de grão fino, de um aristocrático tom de cinza claro, e menos duro que o outro, de sorte que facilmente se alisa e pule como o melhor calcáreo branco de Paialvo. As obras, começadas há trinta anos (como outros muitos escritos de *Fialho*, este não vem datado e não houve o cuidado de indicar, embora se saiba, donde foi colhido, sendo certo que ele esteve em S. Torcato em 1902) vão lentamente à mercê das posses do mealeheiro; activaram-se um pouco há três ou quatro, e trabalham lá vinte maravilhosos desbastadores da pedra árida, vinte escravos artistas da tradição gloriosa de lavrantes que os monumentos de D. João II, D. Manuel e D. João V perpetuaram no meio-dia e norte do reino, e em todo o Minho se atugam por 430 e 500 réis, de sol. — (*Fialho d'Almeida* — *Estancias d'Arte e de Saudade*, São Torcato», pág. 101 e seg.^{es}).

(1) Obra cit.

que o povoado se afirma desde tempos remotos, sabido como é que a vida no Minho se prende e assegura e consegue estabilidade e prosseguimento, não-obstante as mais bruscas e variadas revoluções políticas e económicas. Posteriormente algumas ligeiras escavações deram grande quantidade de telha de rebôrdo e fragmentos de olaria, bem demonstrativos, que se conservam no *Museu da Sociedade*. Pela riqueza da sua agricultura, situada num belo lugar, a dominar um vale fecundo, nó de uma espinha de montes, abundantes em caça, mais tarde frondosos de arvoredos, julgamos bem provável que em S. Torcato houvesse de facto um centro luso-romano, cujo valor, ao depois sob a protecção do santo, o cadáver milagroso, se procura honrar e defender. Este nome de S. Torcato aparece em documentos anteriores à fundação da monarquia e em inscrições muito antigas. Certo houve ali um mosteiro, que foi da ordem de S. Bento (1), e desanexado



OUTRO ASPECTO DA FACHADA LATERAL — ARCATURA LOMBARDA

(1) «Nesta Ermida (a conhecida por S. Torcato-o-Velho) esteve o corpo de S. Torcato até se fazer o Mosteiro da sua invocação, o qual foi dúplex de Frades e Freiras da Ordem de S. Bento, e o fundou Dom Rodrigo Forjás, contemporâneo de el-rei Dom Fer-

da Colegiada de Guimarães por D. Afonso Henriques, por quem foi confiado aos Frades de Santo Agostinho: a tradição remonta uma porção de séculos a existência de uma igreja no alto do môro, junto do qual se edificariam os cenóbios monásticos. O couto de S. Torcato foi primeiramente instituído pelo rei de Castela D. Fernando, em favor da mesma Colegiada, confirmado pelo avô de Afonso Henriques, e por êste desmembrado, outorgando jurisdição privativa ao Mosteiro, em 1173. Já estes factos nos levavam a supor, se outros não o decidissem, que em S. Torcato houve uma igreja muito antiga, situada no lugar do Mosteiro. Mas é incontestável, porque ainda hoje evidente, pelo menos, que a Igreja do Mosteiro era um exemplar curioso do românico português. Curioso, interessante e muito digno de visitar-se, embora desastradas reparações não deixassem mais que algumas velhas pedras.

«De uma clara simplicidade no traçado, compunha-se de uma única nave com ábside rectangular. Duas construções unidas. Na principal foi modificada a frontaria e ainda o lado sul» (1).

nando o Magno, chamado o Imperador, o qual fêz doação dêste Mosteiro ao da Condessa Dona Mumadona, concedendo-lhe, e a rainha sua mulher, quando a êle vieram pelos anos do Senhor de 1049, privilégio e jurisdição no civil e crime, aonde diz que o homicídio, furto e qualquer calúnia que acontecer na terra do Mosteiro da Condessa — *Discurrant per manus Vicarij ipsius Coenobij & in omnem terram Sancti Torquati similiter faciant.*» Anexo à Colegiada, foi desmembrado por D. Afonso Henriques que o deu aos Frades de Santo Agostinho. — (P.^e António Carvalho da Costa — *Corografia Portuguesa*, I, pag. 19 da 2.^a ed.)

(1) Manuel Monteiro — *S. Pedro de Rates*, Pôrto — 1908.

A introdução acerca da architectura românica em Portugal é um estudo verdadeiramente notável pelo talento e carinho, pelo cuidado de investigação, de relação e de síntese, pela clareza e critério das classificações e agrupamentos, com que está elaborado. Não temos, entre nós, melhor no género. E' preciso incitar o illustre publicista a continuar a obra que encetou, marcando-lhe êsse trilho como um alto e honroso dever moral.

Deixe-me, já agora, o leitor dizer-lhe que a minha devoção pelos velhos monumentos não vai mais além da contemplação emotiva e profunda: o quanto sei, e não sei traduzir, do velho mosteiro de S. Torcato, devo-o àquele meu muito querido amigo, com quem, por mais de uma vez, e, certa, na companhia do illustre professor e distintíssimo crítico de arte o Dr. João Barreira, tenho trepado ao môro histórico.

«Ao lado da Igreja ficava o claustro e à volta a alpendrada» (1). Ao centro, um chafariz (1). Como de mais impressivo e típico, há a notar, na fachada lateral norte do Mosteiro a arcatura lombarda sustentando a cornija: é a arcatura lombarda que nos aparece na igreja de Ferreira (concelho de Paços de Ferreira), S. Martinho de Mouros (2), Landim (concelho de Vila Nova de Famalicão), Sé Velha de Coimbra, no varandim sobre a porta principal, Paderne... Dêste mesmo lado, na fachada posterior da ábside, há pequenos traços de ornatos em calcáreo, entre os quais uns círculos concêntricos semelhantes aos gravados em algumas pedras da Citânia de Briteiros, indicativos da estimação em que era tido o templo e já sumidos vestígios de uma glória extinta. A parede, a todo o correr, é bastante alta, correspondendo à altura da nave, dando o carácter de majestosa imponência. Em certos pontos (¿ restos de uma construção anterior?), entre a velha cornija, sustentada também pela arcatura lombarda, e o actual telhado, encaixaram umas pedras tôscas no intuito de altearem. Lá na freguesia dizem, mas tal não se nos

(1) «Tem êste Mosteiro de S. Torcato a sua fundação em um lugar eminente, afastado de Guimarães uma pequena légua para a parte do Norte: é Igreja grande, teve seu claustro, e no meio dêle um chafariz, e ao redor do claustro uma alpendrada sobre colunas de pedra, encostada da outra parte às paredes de seus dormitórios, que tudo está arruinado, permanecendo só uma pequena parte dêles, que serve de agasalho aos seus Vigários. Para êste Mosteiro se trasladou o corpo de S. Torcato, aonde foi depositado, vestido de pontifical, em um monumento de pedra tôsca, mas grande, e de majestade, assentado sobre quatro colunas, cercado de grades de ferro, dentro de uma Capela, que está à entrada da porta principal.» — (P.^e António Carvalho da Costa — *Corografia Portuguesa*, I, pag. 20 da 2.^a ed.).

(2) «Chamava o Sr. Lampérez y Romea a êste tipo de decoração — de arquiños lombardos —, e, efectivamente, o aspecto da igreja toma, por causa dêles, um sabor bem mais italiano que galego ou provençal. Encontram-se estes mesmos arquiños na cornija da igreja de Ferreira (concelho de Paços de Ferreira), tanto no corpo como na sua ábside circular; bem como na fachada da primeira construção românica da igreja de Paderne. São 16 os arquiños da fachada de S. Martinho» em que se apoia o «corpo rectangular que domina a frente do templo e lhe dá um aspecto quasi militar.» — (Vergílio Correia — *Monumentos e Esculturas* (Séculos III - XVI), 2.^a ed., Lisboa — 1924: A Igreja de S. Martinho de Mouros).

afigura, que êsse alteamento se fêz por causa dos grandes andores das procissões. Ao mesmo lado norte encosta a capela de Santa Catarina, a cuja entrada, da parte interior e lado direito, ficava a sepultura do santo, sustentada em pequenas colunas duplas, que, em 1637 ⁽¹⁾, receando o furto do cadáver do Santo, gradearam e reforçaram, erguendo-lhe o frontão com duas colunas e, ao centro, a cruz sôbre uma peanha, tendo na base a inscrição em latim — *Hoc tumulo illesis conduntur carnibus ossa D. Chara Deo* ⁽²⁾. Entre as lajes do sepulcro e as grades estavam umas tábuas, onde gizaram uns sinais interessantes de supersticiosa devoção. A cornija desta capela apoia em modilhões simples, com alguns ornatos geométricos e, ao fundo, para o nascente, fica a «capela do santo», em cujo altar ainda se vê a urna em que, mais tarde (1805), foi colocado. Está revestida de azulejos e fecha com uma grade de ferro, mas é possível que a sua construção seja ainda anterior, como a da capela de que faz parte, ao restante do edifício. Quando tomaram posse os Agostinhos, provável é que alargassem e dessem mais imponência ao primitivo cenóbio. Na capela de Santa Catarina há um curioso altar de madeira, ao gôsto renascença, com pinturas. Em cima, na parede, rasga-se uma seteira. Há outra dentro da igreja, por trás do altar-mor, e ali encontramos também uma velha pedra solta, arrancada a quando de qualquer infeliz restauração, com a Cruz de Malta. Ao lado sul ficava o claustro — os arcos foram entaipados —, a alpendrada, desfeita, e a seguir o mosteiro, que vem descaindo sôbre a lomba do ca-

(1) AN — 1637 — SE GVARNE =
SEUSTA S^a E, ABERTA, SE,
ACHOU O CORPO, E, CARNE
ITEIR.^o VEST.^o, E, PONTIFIC =
AL COBACULO

(2) Diz o Sr. Albano Belino: «Esta obra, principiada a 14 de Julho do referido ano, dias depois da visita prelatia (de D. Sebastião de Matos Noronha), concluiu-se a 18 (tal era a pressa!), como consta da *Memória* inserta no livro dos usos (Estatuto velho), escrita pelo vigário de S. Torcato o licenciado Jerónimo Coelho, da qual existe cópia no Arquivo da Colegiada de Guimarães.»

Parece que o autor ainda viu o túmulo ao lado do evangelho, para onde de novo o levaram agora.

minho, até certo ponto hoje aproveitado para habitações particulares. Na esquina que enfrenta com o adro, antes dos degraus, diz o povo que era a cadeia, deveria ter ficado a *Casa do Couto*, em cantaria simples e forte, com o brasão das armas — a coroa da Senhora (?), os sete castelos em relêvo, à volta, e, no escudo — as cinco quinas, e, a par destas, a mitra e o báculo episcopais. Por cima um nicho, hoje vazio, onde estaria

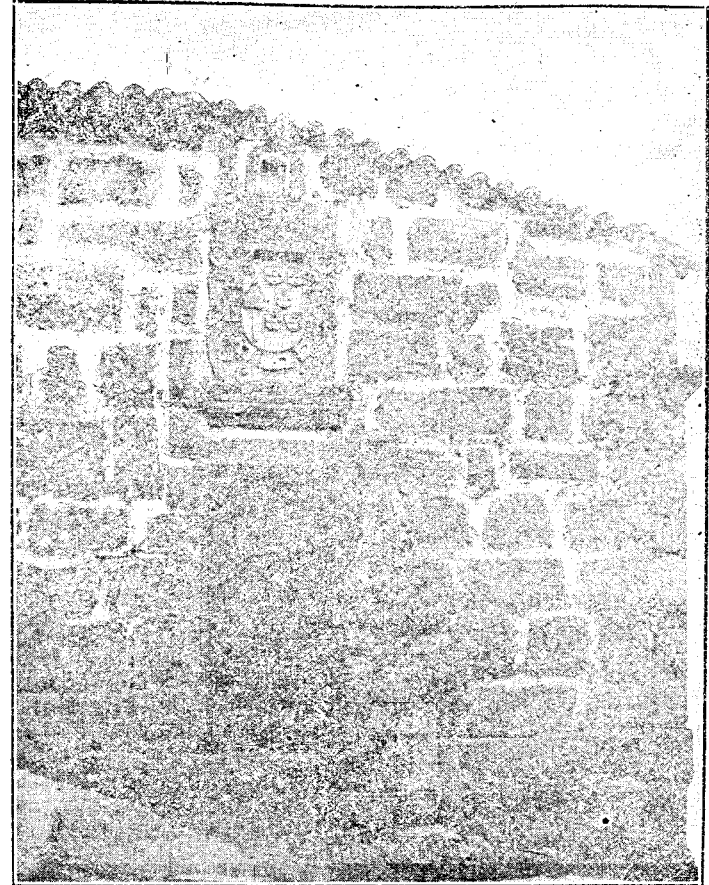


RESTOS DOS CLAUSTROS (ASPECTO PARCIAL)

a Imagem da Senhora e o letreiro — «N. Sr.^a de Oliveira». Nos muros da horta, desde o claustro, e nas paredes vizinhas até à calçada, encontram-se, aqui e além, fustes, bases e capitéis das colunas antigas. Dêste lado sul, na frontaria e no interior do templo, sem esquecer a torre dos sinos, fêz-se uma modificação bárbara, dos tais amodernizamentos idiotas. Calicaram, forraram de madeira, carminaram de tintas. A nave

era alta, um arco cruzeiro rasgava-se para a capela-mor. Achumacaram a igreja de altares laterais, dois a cada lado, mais dois de esquineta à entrada para a mesma capela.

Ainda assim, não-obstante as infelizes quanto ignorantes mas tam useiras e vezeiras tropelias, a igreja de S. Torcato impõe-se pela sua respeitável anciania. Era sóbria com grandeza, elegante com singeleza, sólida traduzindo fôrça austera, e harmónica com o rosto da paisagem e a alma da gente. O românico do norte, quando de simples e humildes presbitérios rústicos, pelas aldeias comezinhas, mal se diferencia, a não ser no tamanho, e mesmo êsse àquem de certos paços mais afidalgados ou rendosos, da espontaneidade architectónica pobrezinha do casebre do lavrador, erguendo os braços da cruz como uma bênção ou como uma súplica e derramando a unção silenciosa e meditativa dos símbolos religiosos, que a todos os olhares atentos os distinguem todavia em veneração e estreme-cimento. E a sua traça architectónica, de simplicidade e recolhimento, como de uma lareira onde se agrupa a família das almas ao afago do ideal e da esperança, entre o arvoredo, na fundaria da várzea, ou entre os calhaus agrestes dos outeiros ou mesmo sobranceando os píncaros dos sêrros, parece derivada das antigas habitações castrejas, das moradas citanienses. Há como uma identidade fisionómica, que o impulso do pensamento, pelo revolutear dos séculos, amplifica, levanta e sumptualiza, mas sempre dentro de uma dignidade severa, composta, entre alada e tímida, ajoelhando o corpo mas deixando voar o espírito, de respeito e esperança, de reverência e de amor. «Mas ao considerá-las na sua traça elementar, quanta simpatia inspiram! Produzem até uma viva e cordealíssima emoção pelo ardor e sacrifício que muitas significam, pela forte solidariedade que outras representam, pela alevantada fé num sonhado ideal que tôdas manifestam. Para merecerem a carinhosa e afável estima dos espíritos cultos, basta terem, várias delas, realizado na tenebrosa Idade-Média, assente numa tirania hierárquica e numa inexorável distinção de classes, o prodígio de as congregar para mutuamente cooperarem na mesma aspiração. Todos concorriam então com a sua valia, desde o mais alto suzerano, ou rico-homem ao mais humílmo servo, para o levantamento dêsses templos como votiva consagração de um santo, ou como



CASA DA CÁMARA DO COUTO DE S. TORCATO

preito de agradecida homenagem à divindade onipotente de quem tudo dependia e que coroava de louros a lança e tornava fecunda a charrua.» (1)

O doce e penetrante sentimento que estes nossos tam idosos monumentos, de pedras enruguecidas, morenas do sol, abafadas no musgo, de uma frialdade saudosa e triste, emanam, invadindo a nossa alma, enlaçando-nos a um tempo desconhecido, por vezes indifferente senão inimigo dos nossos affectos e tendências espirituais, não é o puro lamechismo daquelas descabidas evocações, muito vulgarmente feitas com um postiço ar idiotamente aristocrático. Como reconhecemos dentro em nós uma voz distante, familiar e discreta, que, iluminando-nos de bondosa ternura, conjuga o mesmo sentimento, só na aparência pelos anos separado ou diverso, o da idealização do perfeito e do belo. E' como se a devoção religiosa do passado estivesse murmurando na voz do povo, aquele povo afável, laborioso, obscuro, temente, resignado e forte que transportou as idades, avô e neto, dentro do seu lar e dentro do seu lindo e singelíssimo sonho, ou o mesmo anseio de arte, que animava os imaginários e os canteiros, estorcesse em perfume a sua flor doirada, a encandear nossos olhos, a sorrir a nossos lábios, estuando em nosso coração, labareda de púrpura e oiro a incendiar a fantasia, na grande apoteose, crepúsculo nostálgico, manhã eterna!, do supremo encanto.

EDUARDO D'ALMEIDA.

(1) Já estava a compor-se na tipografia esta parte do modéstissimo estudo, quando me vieram dizer que, no Mosteiro Velho, andavam obras de reparação. Corri ali mais uma vez, mas, agora, para ficar agradavelmente surpreendido. O actual pároco, Ex.^{mo} P.^e Henrique G. Pereira, pessoa inteligente e culta a quem muito folgo de prestar pública homenagem pela sua invulgar, ousada e enternecida iniciativa, meteu ombros à tarefa pesada e difficil de ir arrancando os postiços que encobrem a parte antiga, restituindo, pouco e pouco e até onde possível, o templo ao seu velho carácter românico. Nêsse empenho o tem coadjuvado o distinto architecto, Ex.^{mo} Sr. Marques da Silva, e procurava ouvir a opinião dos entendidos. Um dos grandes embaraços, o fatalíssimo, é a falta de recursos. Apontando o seu nobre exemplo, encarecemos ao bom povo de S. Torcato a necessidade e o dever de lhe prestar todo o auxilio, levando a cabo empreendimento tam dignamente meritório.